

# ALMANAQUE *dos Imigrantes*



Fascículo nº 30

Dezembro de 2018

## A DOCE TRADIÇÃO DAS TORTAS

Do legado étnico, emerge a tradição e excelência no ramo da confeitaria

## TULIPAS

A bolha econômica e o prazer do cultivo

## VOZES DA HISTÓRIA

Uma série de entrevistas com o intuito de resgatar a memória da comunidade local

**HISTÓRIA E CULTURA À MESA**  
**COM O PROGRAMA DE CULTURA ALIMENTAR NO MUSEU**

# EDITORIAL



Em 1986 festejamos os 75 anos da imigração holandesa em Carambeí e uma das atrações durante os dias festivos foi um pequeno cantinho aonde construímos, de uma forma bem rudimentar e temporária, uma igreja, uma escolinha, uma estrebaria e um galpão, numa escala bastante reduzida, mas replicando as construções do início da colonização.

Desde então acalentávamos o sonho de um dia conseguir construir uma vila histórica permanente. Somente em 1998 começamos a procurar e buscar acervo histórico na comunidade holandesa e em 2001, por ocasião dos 90 anos de Carambeí pudemos inaugurar a então chamada Casa da Memória, num antigo estábulo de alvenaria que conseguimos adquirir com doações de pessoas e algumas empresas, principalmente da Frísia Cooperativa Agroindustrial, então Cooperativa Batavo.

O Parque deveria estar concluído em 2011, quando aconteceria o centenário da fundação de Carambeí. Com um atrativo projeto conseguimos aprovação pela Lei Rouanet. Com estes recursos e mais uma polpuda ajuda monetária da Cooperativa Batavo construímos o Parque. Merece ser destacado a voluntariosa ajuda que recebemos de muitos membros da comunidade para que a construção fosse concluída poucos dias antes dos festejos.

De lá para os dias de hoje o Parque Histórico de Carambeí se tornou uma das maiores atrações turísticas do Paraná e é considerado o maior museu histórico a céu aberto do Brasil.

Hoje o parque tem um calendário de grandes eventos anuais como Natal no Parque, Festa dos Imigrantes, Festival de Tortas, Arraiá do Parque e Feira Medieval, que fazem o mesmo ser uma das atrações mais visitadas do Estado.

O sonho de ontem, hoje uma realidade que já recebeu mais de meio milhão de visitantes. Somente em 2018, mais de 130.000 pessoas passaram pelo museu.

Com fé, educação, trabalho e união realizamos nosso sonho.

**Dick Carlos de Geus**

Presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí



*Imagem: Rijkmuseum*

## CANAIS VIAS DE ACESSO INUSITADO E A CULTURA HOLANDESA FLUVIAL

*Leonardo Pugina*

Os belos canais holandeses não desempenham função apenas estética. Além de embelezarem a paisagem urbana, na Holanda, os canais servem como vias para meios de transporte. As primeiras vias de transporte público por água foram criadas no século XV e ligavam as principais cidades da província da Holanda. Essa rede inicial cresceu, e por volta do século XVII, já se encontrava no país inteiro.

O sucesso dos canais está atrelado à facilidade de construção dos mesmos, uma vez que grande parte do território holandês possuía água em abundância. No entanto, o seu custo de construção superava o da terraplanagem, ou seja, era mais caro construir canais do que estradas. O que tornou possível a proliferação dos canais foi a relação custo-benefício: o valor do transporte por terra era quatro vezes maior do que o transporte aquático.

Por volta de 1630, a invenção de um meio de transporte coletivo pelos canais aumentou consideravelmente a importância econômica dos mesmos. Com capacidade para mais ou menos 50 pessoas, a embarcação denominada coche funcionava de forma semelhante aos ônibus dos dias de hoje, transportando viajantes por todo território holandês. Dentro do coche, pessoas de todas as classes sociais viajavam juntas em um ambiente meticulosamente limpo e organizado. Era comum encontrar pessoas lendo, escrevendo, comendo e até dormindo. Nas linhas mais importantes e movimentadas, um coche partia a cada hora e fazia até mesmo viagens noturnas.

Tantas vantagens apresentadas por esse meio de transporte compensavam sua lentidão, em comparação ao transporte terrestre, três ou quatro vezes mais rápido.

## EXPEDIENTE

**Realização:** APHC – Associação Parque Histórico de Carambeí

**Editores:** Ana Paula Bomfim Martins e Felipe Pedroso

**Revisão:** Felipe Pedroso e Fernanda Hrycyna

**Projetos Gráficos:** Lucas Los

**Diagramação:** Lucas Los

**Assessora de Comunicação:** Ana Paula Bomfim Martins

**Fotos:** Lucas Los, acervo APHC e Rijkmuseum

**Colaboração:** Leonardo Pugina, Lucas Kugler, Fernanda Hrycyna, Karen Barros, Sabrina Santos, Mayara Rabe

# BATAVOS E FRÍSIOS

## A ORIGEM DA NAÇÃO NEERLANDESA

Lucas Kugler



Imagem: Divulgação

O território que abrange os Países Baixos foi ocupado por diversas tribos e etnias ao longo de sua história. No entanto, os nomes de apenas duas tribos germânicas são bem conhecidos em Carambeí, inclusive porque possuem um significado comercial.

Os batavos constituíam um povo que habitou a região do delta do rio Reno durante o primeiro século a.C. até o séc. III. O nome *batawjo* deriva do idioma proto germânico, cuja tradução pode ser entendida como *bat* (bom) e *awjo* (terra fértil), refletindo o potencial fértil da região. Segundo o historiador romano Tácito (56 d.C. – 117 d.C.), os batavos serviam aos romanos como auxiliares, soldados que não possuíam cidadania romana, e eram vistos como uma das tribos germânicas mais corajosas da Gália:

*(...) De todos esses povos, os mais corajosos são os batavos, que não ocupam grande extensão da margem, mas habitam uma ilha do rio Reno. (...) Permanecem a honra e a insígnia da antiga aliança, então eles não são rebaixados com tributos nem são oprimidos pelo cobrador de impostos; são isentos de encargos ou contribuições e poupados para o uso de batalhas somente: do mesmo modo que armas e armamento são reservados às guerras.*

Os Frísios formavam um povo com influências anglo-saxônicas. Após a época dos romanos, houve uma grande migração oriunda das Ilhas Britânicas, que acabou colaborando com a formação étnica da Frísia, ao norte do território dos Países Baixos. No séc. VII, o Reino Frísio foi derrotado pelo Império

Franco e passou a ser administrado pela dinastia dos Carolíngios, que instauraram no local um sistema de governo similar ao de um condado, mas diferente de um domínio feudal.

Durante os sécs. IX e X, as costas Frísias foram invadidas e ocupadas por vikings dinamarqueses. Diferente das violentas invasões escandinavas nos reinos britânicos, os vikings colonizaram pacificamente uma parte da Frísia, se misturando aos habitantes locais à medida que construía fortificações e comercializavam mercadorias com os frísios.

# A CASA HOLANDESA

Leonardo Pugina



Na Holanda do século XVII, as casas de comerciantes burgueses com certo poder aquisitivo eram dispostas de forma peculiar. As construções estreitas, de frente para os canais, que se tornaram o símbolo urbano holandês, possuíam uma separação simples: no térreo, uma divisão separava o espaço ao meio, transformando o piso em duas áreas – o quarto da frente e o quarto de trás.

A porta da frente da casa, quase sempre localizada diretamente à rua, dava acesso ao quarto da frente, que em um período anterior, servia como espaço destinado a loja ou oficina, funcionando como uma área de trabalho do comerciante, que depois expunha a sua produção na frente da casa para venda. Para os burgueses do século XVII, o quarto da frente já havia perdido sua importância no comércio e agora não desempenhava outra função a não ser estética. Com os melhores e mais bonitos móveis da residência localizados ali, passou a quase nunca ser utilizado para que assim fosse mantida sua limpeza e organização.

A área de convivência na casa ficou quase sempre restrita ao quarto dos fundos, onde era localizada a cozinha, sala de estar e sala de jantar, algumas vezes com a cozinha dividida em um terceiro quarto, separada da sala de



Imagem: Rijkmuseum

convivência e de jantar. Três itens eram obrigatórios no mobiliário holandês: as mesas, cadeiras e armários, sempre bem pesados e em madeira maciça.

Na cozinha da casa dos mais ricos, utensílios de cobre e de estanho reluziam ao longo das paredes, e por vezes, o chão era ladrilhado com mármore. Um armário envidraçado continha a louça, um outro, chamado de “tesouro”, as roupas de mesa e outros aparatos de cozinha. Muitas vezes, a cozinha desempenhava também um papel estético, sendo pouco utilizada, com as refeições sendo preparadas em um cômodo adjacente. “Os holandeses preferiam manter o polimento de suas pratas a fazer o menor prato que pudesse desorganizar a limpeza de suas

cozinhas”.

As escadas que levavam ao piso superior, em sua maioria, eram estreitas e íngremes. As mais modernas eram construídas em formato retangular, enquanto as mais antigas em formato de caracol. A parte de cima da casa era dividida entre dois ou três dormitórios não muito espaçosos. As camas possuíam colchões espessos e feitos com penas, mesmo material utilizado para fazer os travesseiros baixos.

Dentro dos quartos de uma família mais abastada, era comum a presença de uma lareira, cadeiras de madeira maciça e talvez um armário. Alguns quadros e espelhos podiam enfeitar as paredes de ladrilho faiança.

# TULIPAS:

## A BOLHA ECONÔMICA E O PRAZER DO CULTIVO

*Karen Barros*

As tulipas integram o conjunto de elementos que remetem à identidade e à cultura holandesa. Esta espécie de flor, tida como insignificante, tornou-se a maior febre na sociedade holandesa. Entre 1636 e 1637, as tulipas passaram a integrar o cotidiano de muitas famílias e comerciantes, tornando-se um dos maiores surtos especulativos. O seu nome possui inspiração na palavra Tulipan cujo formato é semelhante ao de um turbante. Foi introduzida nos Países Baixos no século XVI pelo embaixador Busbeq, após uma visita a um campo de bulbos na Turquia, na qual teria ficado encantado com a planta. O surto era tamanho que muitos cultivadores colocavam armadilhas em suas plantações para evitar o roubo dos bulbos.

O comércio possibilitou um aumento significativo de espécies, juntamente com a criação de catálogos que passaram a circular na sociedade. No ano de 1612, o catálogo Florilegium de Emmanuel Sweerts incluía ilustrações das flores, suas variedades, valores e locais de comercialização. Clubes de trocas e vendas de tulipas foram criados nestes locais.

Em princípio o comércio das tulipas ficara restrito às classes mais abastadas, sendo o cultivo considerado prazeroso, tornando-se um negócio lucrativo. A hierarquização que existia em toda a sociedade era refletida nas plantas e em suas variedades. De acordo com Simon Schama, "Uma posição superior não indicava necessariamente (conquanto geralmente indicasse) raridade, mas sim exuberância e requinte na

combinação de cores. As variedades flamantes e com listras irregulares eram as mais admiradas".

A relação da sociedade neerlandesa com as tulipas é cheia de significados. A flor chegou a criar uma explosão na bolha econômica que foi denominada de "Tulipomania". Na chamada Era do ouro da Holanda, era tão valiosa que chegou a ser utilizada como moeda de troca. Recebeu ainda muitas críticas com relação à especulação de um mercado e diversas ilustrações do período ridicularizam a obsessão pela flor. Essas gravuras circularam pelos meios sociais com o intuito de moralizar a população sobre o problema da especulação, além de ridicularizar e denunciar o comércio fraudulento.

A tulipa é uma flor do frio, o que torna difícil o seu cultivo no clima tropical brasileiro. No Parque Histórico de Carambeí, alguns espaços ilustram a relação das tulipas com a cultura neerlandesa, inclusive a fachada da escola era adornada por lambrequins – um tipo de recorte de madeira de origem polonesa – nos quais podemos identificar o desenho da flor. Uma réplica da escola foi construída na Vila Histórica. No espaço chamado de Casa Holandesa, tulipas artificiais enfeitam o ambiente.



# BRAZIL RAILWAY COMPANY

## E A IMPORTÂNCIA DA FERROVIA PARA CARAMBEÍ

Fernanda Homann Hrycyna



Imagem: Acervo APHC

Um dos mais bem sucedidos empreendimentos do início do séc. XX, a construção da ferrovia foi de grande importância no estabelecimento de imigrantes em Carambeí.

Descontentes com a situação da Colônia Gonçalves Júnior, em Irati, famílias holandesas que imigraram para o Brasil em 1909, já decididas a voltarem para os Países Baixos, ficaram sabendo dos planos de colonização de uma companhia férrea, cujos trilhos ligavam São Paulo ao Rio Grande do Sul.

A Brazil Railway Company, financiada por Percival Farquhar (que também financiou a construção da estrada de ferro Madeira-Marmaré, em meio à Amazônia), apresentava um projeto de colonização, na qual os colonos receberiam, de acordo com o contrato firmado: um lote de terras, uma casa, uma canga de bois e também 3

vacas leiteiras. A Companhia também forneceria adubo e sementes para primeira semeadura. O objetivo da colonização era suprir as necessidades de abastecimento, produção para alimentar os trabalhadores dos trilhos, além de escoamento dos produtos para outras regiões do Brasil e da mão-de-obra europeia, em um contexto que a imigração foi intensificada por parte do governo e empresas privadas.

A Brazil Railway Company havia comprado a Fazenda Carambehy, que a partir do loteamento das terras, as oferecia aos imigrantes em condições acessíveis. A proposta parecia agradar os colonos que sofreram no Cemitério das Mulheres, como a Colônia Gonçalves Júnior era chamada porque muitas mulheres e crianças vieram a falecer por conta de doenças como malária e tifo.

A colônia ocupava o território que um dia compreendia a Fazenda Carambehy, na qual ficou hospedado Auguste de Saint-Hilaire, botânico, naturalista e viajante francês, em 1822, encantado com a região dos Campos Gerais.

Na Vila Histórica, foi construída uma réplica da estação Carambehy, por onde muitos imigrantes chegariam para constituir novo lar em terras distantes. Nela há alguns mapas dos caminhos que os trilhos da Companhia percorriam além da planta da Fazenda Carambehy já loteada.



# CARAMBEÍ, TERRA DE MULHERES FORTES (WILHELMINA'S E CHARLOTTE'S)

Mayara Rabe

Há quem diga que mulher é frágil. Pois bem, estes não sabem da garra e determinação que o sexo feminino possui: mães, filhas, donas de casa, parteiras, enfermeiras, professoras, administradoras, trabalhadoras do campo.

De acordo com um pronunciamento citado por Hendrik Kooy, integrante da comunidade de imigrantes e entusiasta da história que escreveu a obra que comemora os 75 anos de Carambeí, "o sucesso de uma colonização depende das mulheres". Elas eram as responsáveis pela manutenção do conforto nas casas e não deixavam faltar comida, além de trabalharem no campo junto a seus maridos e "deixavam valer suas influências".

Quando os imigrantes chegaram a Carambeí, boa parte das famílias eram

compostas por um grande número de membros. Enfrentaram muitas dificuldades: a travessia do Atlântico, o estabelecimento em Gonçalves Junior (Iratí) em 1909, o "cemitério das mulheres", onde muitas crianças e mulheres vieram a falecer por alguma doença desconhecida e a falta de assistência.

Uma imigrante, Wilhelmina Verschoor, que também fora para Gonçalves Júnior antes de chegar a Carambeí, era a parteira, enfermeira, conselheira da colônia. "Tia Mina" cuidava de duas famílias (sua cunhada falecera em Gonçalves Júnior), da casa e de todos na colônia.

As mulheres desde muito cedo ajudaram na construção da Colônia. As mulheres, ao lado de seus maridos, além de botar a comida na mesa,

trabalhavam na ordenha e na venda dos queijos nas cidades vizinhas.

Até que a colônia possuísse enfermeiras formadas, as mulheres deixavam o conforto de suas casas ao auxílio de quem precisasse. Muitas vezes, à noite. A esposa do Pastor Muller, Charlotte, realizava visitas periódicas às famílias da comunidade. Às vezes levava enfermos para a própria casa até que a doença fosse sanada.

O vestuário da família era produzido pelas mãos femininas, que se encarregavam de todos os mínimos detalhes para uma roupa apresentável.

Na Casa da Memória encontra-se o Espaço da Memória Feminina, uma exposição de longa duração que conta um pouquinho mais sobre a história das mulheres em Carambeí.



# VISITA DE CAPIXABAS HOLANDESES ÀS COLÔNIAS PARANAENSES NA DEC 1970

*Sabrina Alves Dos Santos*



*Vista aérea da colônia Carambeí na década de 1970. Acervo APHC.*

Em novembro de 1979, um grupo de capixabas holandeses fizeram uma viagem para o Sul do Brasil para visitar as colônias paranaenses de Carambehy e Castrolanda. Eles ficaram uma semana em Carambehy e foram hospedados nas casas dos colonos se deparando com uma situação bem diferente da que viviam. Na colônia havia proprietários de grandes fazendas, banqueiros, currais modernos, plantações de soja e uma grande cooperativa.

No domingo após a missa, Isaack

Louvers conta em zeeuws, a sua língua materna, a história das famílias que vieram para o Espírito Santo e a situação precária que eles ainda enfrentam com as terras e falta de investimento. Ele recebe uma proposta de se mudar para Carambehy, mas recusa pela saudade da sua terra e sua família. No fim da visita, as cooperativas de Castrolanda e Carambehy enviaram dois especialistas em agricultura para as colônias capixabas para pesquisar novas possibilidades para os pequenos agricultores.

Os capixabas holandeses são descendentes de holandeses da província de Zeeland no sudeste da Holanda que colonizaram o Espírito Santo, vindos entre os anos de 1858 a 1862 para o Brasil em busca de condições de vida melhores para seus filhos. Infelizmente, ao chegar em solo brasileiro, não receberam a ajuda prometida e viveram por anos em situações precárias. Apesar da dificuldade, os capixabas, assim como os carambeienses, mantiveram seu idioma natal, tradições e sua fé.



Imagem: Rijkmuseum

# HISTÓRIA E CULTURA À MESA

## COM O PROGRAMA DE CULTURA ALIMENTAR NO MUSEU

No ano de 2018 o museu teve uma programação especial toda direcionada a temática da alimentação. O Programa Cultura Alimentar norteou as atividades e eventos realizados pela instituição.

O coordenador cultural e historiador do museu, Felipe Pedroso, relata que falar sobre a alimentação é hoje uma tendência, devido principalmente aos programas televisivos dedicados ao tema e a explosão gourmet. Diz ainda que a alimentação é parte importante da formação dos processos históricos e que a existência do Parque e a história de Carambeí estão atreladas às práticas alimentares. "O ser humano sempre esteve em busca de alimentos, seus movimentos foram marcados por isso, muitos momentos históricos aconteceram motivados por ele, como a própria chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 e o apogeu econômico holandês no Renascimento. Usando da narrativa da cultura alimentar é possível explicar a história inteira de Carambeí, que evidencia as múltiplas culturas existentes na cidade, as tradições lácteas e a pluralidade alimentar étnica". O historiador continua explicando que a temática escolhida para as atividades do ano no museu é de interesse popular. "A alimentação se faz presente no dia-a-dia das pessoas, os seus cardápios estão ligados às suas origens e às suas

escolhas em relação ao bem estar".

O Programa Cultura Alimentar, do Parque Histórico é um atrativo para aproximar o público da instituição. "Grande parte da nossa programação cultural foi norteada pelas diretrizes do programa, tivemos exposições que contam a história do chá e do café na cultura holandesa, documentário que trata da tradição das tortas na cidade,

todos nossos eventos tiveram uma praça de alimentação voltada para as características de cada evento, respeitando sempre a história, cultura e o patrimônio alimentar. Para 2019 pretendemos expandir o programa e realizar projetos e ações também voltados para a conscientização do uso do alimento, como workshop de horta orgânica e uso da totalidade dos alimentos nas preparações", finaliza.



Imagem: Rijkmuseum

# VOZES DA HISTÓRIA

Iniciamos recentemente uma série de entrevistas com o intuito de resgatar a memória da comunidade local em um projeto intitulado Vozes da História. O projeto acontece por meio de entrevistas realizadas com os imigrantes e seus descendentes, buscando um outro olhar na história de Carambeí que tenta englobar as outras etnias que fazem parte desta história. As entrevistas acontecem utilizando a metodologia de História Oral, são coletados os depoimentos de vivência desses sujeitos históricos.

O primeiro entrevistado foi o Sr. Gustaaf Timmermans, nascido na Indonésia e vindo para o Brasil no ano de 1965.

Gustaaf teve uma infância comum na Indonésia, mas com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, seu pai, proveniente de família miscigenada, foi convocado para lutar pela Holanda, que até o momento exercia domínio sobre a Indonésia. Pouco após a convocação de seu pai, Gustaaf foi levado para

um campo de concentração japonês em território indonésio no qual permaneceu até o fim da guerra. No momento seguinte, a Indonésia conquista sua independência e todos os holandeses e descendentes são expulsos do país. Gustaaf vai então para Nova Guiné, também colônia da Holanda. Mas a história se repete, e com a independência de Nova Guiné, Gustaaf se vê obrigado a abandonar o local, partindo assim para a Holanda.

Uma vez em continente europeu, as dificuldades de adaptação começaram. O clima era muito diferente do calor tropical que estava acostumado e o preconceito com indonésios na Holanda era forte. Gustaaf descobre uma reunião a respeito de imigração para o Brasil e decide participar. Após alguma resistência, Gustaaf consegue autorização para se mudar para o Brasil e vem para cá acompanhado de sua esposa e claro, do cachorro.



## ACERVO FOTOGRÁFICO

### Você sabia?

O museu possui um acervo fotográfico com quase oito mil fotografias, todas digitalizadas. Nosso acervo fotográfico é formado quase todo por meio de empréstimos, para que as famílias não precisem se desfazer de seus álbuns. Então, em vez de doarem para o museu, apenas os emprestam para que seja realizada a digitalização das fotografias. Feito o processo, os álbuns retornam para seus proprietários sem nenhuma modificação e as digitalizações são reveladas, identificadas, catalogadas e guardadas de maneira adequada no acervo do Parque, prontas para serem utilizadas em pesquisas e exposições. Você que tem ou teve alguma relação com a antiga colônia pode nos ajudar a expandir ainda mais esse acervo, emprestando seus álbuns familiares e registros fotográficos. Para saber mais sobre o projeto e em como cooperar, entre em contato pelo e-mail: [museu@aphc.com.br](mailto:museu@aphc.com.br)



# PROGRAMA MEMÓRIA PLURAL

O programa Memória Plural foi desenvolvido levando em conta a necessidade de inclusão e representatividade de outras etnias que fizeram e fazem parte da história de Carambeí, assim como dos luso-brasileiros, muitos já moradores do entorno da então colônia. O intuito do programa está na preservação de uma memória inclusiva e plural, não só de imigrantes holandeses como de italianos, alemães, poloneses, indonésios e portugueses. Comunidades e famílias de migrantes que fizeram parte da Colônia Carambehy. O programa contempla dois grandes projetos: "Vozes da História" e "História Visual", ambos são instrumentos de extrema importância no processo de expansão e inserção das narrativas pessoais no discurso coletivo.





## CARNAVAL NO PARQUE

Como uma alternativa de tranquilidade fora do circuito da folia do feriado de carnaval, a instituição oferece a seus visitantes oficinas temáticas para o público infantil e atividades variadas em todos os dias da festividade.

## PÁSCOA NO PARQUE

A Páscoa no Parque tem como objetivo resgatar os costumes e as tradições dos imigrantes locais, como a antiga brincadeira da "Zoek de Eieren - Caça aos ovos". Símbolo da tradição e cultura dos povos provenientes dos Países Baixos.

## FESTA DOS IMIGRANTES

Criada em memória dos diferentes grupos étnicos formadores da sociedade carambeense e dos Campos Gerais, a Festa dos Imigrantes busca celebrar a chegada dos imigrantes holandeses na Colônia de Carambehy, com o propósito de dar visibilidade às raízes dos demais imigrantes de outras nacionalidades, possibilitando a difusão da diversidade de gastronomia típica existente, sendo ela, local e regional, trabalhos artesanais e souvenirs, propagando as diferentes formas de identidade com apresentações e manifestações artístico-culturais.



# ARRAIÁ DO PARQUE

É comemorado no Brasil todo e tem como principal objetivo reunir a comunidade em um ambiente caloroso, a fim de difundir uma das maiores manifestações populares da cultura brasileira, que são os festejos Juninos/Julinos. O evento investe e valoriza as tradições locais embalado por músicas caipiras de raiz, animadas quadrilhas e gastronomia típica.



# NATAL NO PARQUE

É realizado todos os anos como uma grande festa, todas as alas museais ganham contorno iluminado, aproximando o público das atividades do museu (visita noturna) e dando dinamismo à atuação da instituição. Acompanha uma programação cultural que promove o resgate histórico e cultural da comunidade, assim como encenações artísticas.



# NOSSOS *Eventos*

## FEIRA MEDIEVAL

Uma das maiores Feiras Medievais do Brasil, a Feira Medieval do Parque Histórico promove uma jornada para a Idade Média. A Feira tem caráter educativo e comunitário, com dezenas de ações educativas que ilustram o cotidiano do medievo de diferentes regiões e tempos históricos, conta também com mais de 100 voluntários que fazem desta uma incrível atração para toda a família.





# A DOCE TRADIÇÃO DAS TORTAS

*Felipe Pedroso*

A alimentação é um importante instrumento na construção e expressão identitária, social e cultural de um grupo. Carambeí hoje é conhecida como a cidade das "tortas", essa tradição deve-se principalmente as heranças e contribuições de processos migratórios de diversas etnias europeias que formaram o município desde 1911: holandeses, alemães, poloneses, portugueses e italianos.

Deste legado étnico, emerge a tradição e excelência no ramo da confeitaria, e é dessas origens que se dá a produção de tortas e bolos. É no período conhecido como 'pós II

Guerra Mundial', com o crescimento da colônia, chegada de novos imigrantes e com o desenvolvimento tecnológico da cooperativa - que acaba por atrair mão de obra de outras localidades dos Campos Gerais - que os hábitos e práticas alimentares vão ser moldados e reestabelecidos.

Diferentemente do início da vida na colônia em que bolos e sobremesas eram raramente consumidos, nas décadas de 1960 e 1970 percebe-se um alargamento desse consumo e uma estruturação da confeitaria, mesmo que amadora. Fatores como maior oferta de insumos industrializados,

matéria prima e modernização dos utensílios de cozinha, fizeram com que os bolos se tornassem mais elaborados e proporcionaram o aparecimento das tortas doces geladas pautadas nas bases da tradição de doceria europeia. É daí o surgimento dessa tradição tão difundida em Carambeí, do hábito dos imigrantes e descendentes de holandeses em comer bolo com café após os cultos de domingo, da prática láctea tão característica da região, proporcionando muitos derivados, indispensáveis nas receitas e do gosto pelo doce e das facilidades no mundo contemporâneo em preparar e armazenar esse apreciado prato.





## GRUPO FERTIPAR ANIMA-SE AO SABER QUE O PARQUE HISTÓRICO ESTÁ ENTRE OS MUSEUS MAIS VISITADOS DO BRASIL.

O maior museu histórico a céu aberto do Brasil, o Parque Histórico de Carambeí, foi inaugurado em 2011 com o intuito de difundir e preservar a memória dos imigrantes holandeses na região. O museu é mantido por incentivo fiscal, via Lei Rouanet, e entre as empresas patrocinadoras do projeto cultural está o Grupo Fertipar.

Com apenas 6 anos, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) aponta o Parque Histórico ao lado dos 100 museus mais visitados do Brasil, está entre os cinco mais visitados da região Sul, é o segundo do ranking dos mais visitado do Paraná e o principal atrativo dos Campos Gerais. A diretora Institucional do Grupo Fertipar, Juliana Feldmann Vieira, anima-se ao ser informada do estudo. “É com grande orgulho que nós, do Grupo Fertipar, recebemos a notícia do sucesso do Parque Histórico de Carambeí. Não poderia ser diferente! O Parque reúne cultura, tradição e entretenimento, tornando-se um programa ideal para a família paranaense e de outros Estados”.

O Grupo Fertipar reconhece e se identifica com o trabalho realizado pela

instituição museal. “Nos identificamos com a motivação do Parque de relembrar o passado e preservar as tradições e consideramos inestimáveis as lições guardadas na história de coragem, trabalho e superação dos imigrantes holandeses”, relata a diretora do Grupo Fertipar.

O presidente da Associação Parque Histórico de Carambeí, Dick Carlos de Geus, sente-se honrado por ter uma empresa do porte do Grupo Fertipar entre as patrocinadoras do museu. “O apoio que recebemos da Fertipar nos motiva e nos orgulha, pois é uma empresa que por meio da Juliana demonstra ser uma grande incentivadora cultural. Por dois anos, consecutivos, a empresa é patrocinadora master do Parque e estamos certos que podemos contar com a Fertipar e estreitar laços”.

A empresa sente-se privilegiada por fazer parte do seleto grupo de patrocinadores do Parque. “Para nós é um privilégio participar de um trabalho como este juntamente com a Frísia Cooperativa Agroindustrial, nossa parceira de longa data”, finaliza Juliana.



**Juliana Feldmann Vieira**  
*Diretora Institucional do Grupo Fertipar*

# CASA DA SUSTENTABILIDADE

UM VISLUMBRE DO FUTURO, **HOJE.**



Construído em 2015 como parte integrante do complexo museal, o Parque das Águas, ala museal que é inspirado no famoso parque ambiental holandês Zaanse Schans, tem como seu principal objetivo mostrar aos visitantes a tecnologia de controle das águas dos Países Baixos e em cada uma de suas edificações trabalhar temas conscientes,

como a Casa da Sustentabilidade, ambiente que demonstra alternativas ecologicamente responsáveis.

Em parceria com o grupo CCR RodoNorte e Instituto CCR, este espaço em 2018 ganhou uma nova exposição de longa duração - o seu interior e o seu entorno foram repaginados e repensados de uma forma que torne atrativo o uso de material reutilizável.

O tema central de conscientização da casa temática engloba as três esferas da sustentabilidade: a ecológica, social e econômica, evidenciando que o conceito não se restringe apenas aos cuidados do meio ambiente.

**VALORIZAR O TRABALHO LOCAL TAMBÉM É SUSTENABILIDADE**

A priorização do trabalho local, das práticas manuais e da valorização da cultura regional também são formas sustentáveis e acabam por impulsionar a economia e estão ilustrados na casa.

*Horta vertical feita de sucata por artesão local.*





## UMA ILUSTRE MORADORA

A Casa é uma espécie de 'loft', habitado por uma personagem simbólica da cultura neerlandesa, a *Meisje Met de Parel* - *Moça com Brinco de Pérola* do famoso pintor renascentista *Johannes Vermeer*, contudo, essa personagem também foi repensada para os dias atuais, mostrando que a arte também é passível de novos significados.



*Porta-retratos da personagem expostos pela casa trazem um sentimento de autenticidade.*



# FREDERICA DYKSTRA

## UMA MULHER VISIONÁRIA

Quando se ouve falar em Carambeí, logo vem à mente a doce e saborosa lembrança das tortas da Frederica. Quem nunca provou, certamente já ouviu falar das famosas tortas feitas a partir de receitas de família e que deram ao município o título de Cidade das Tortas.

Filha do imigrante holandês Job Boot e de Clara Elisabeth Verschoor Boot descendente de uma das primeiras famílias de imigrantes que se estabeleceram em Carambeí, Frederica Dykstra nasceu no dia 12 de abril de 1963 no Brasil. Frederica recebeu o nome da avó materna, Frederica Verschoor, de quem herdou o dom da confeitaria e com muito amor transformou a aptidão em um negócio de família.

Em 28 de novembro de 1981, Frederica se casou com Bart Dykstra, com quem teve três filhos, sendo dois homens e uma mulher. Desde então, manteve a tradição que seus antepassados trouxeram da Holanda e passou a reunir a família, às 10h, para tomar café com bolo, sendo conhecida na colônia holandesa de Carambeí por sua habilidade em confeccionar a sobremesa.

Em 2001, quando foi inaugurada a Casa da Memória, primeira ala museal que deu origem ao Parque Histórico, memorial da imigração holandesa, a confeitaria foi convidada pela direção do museu para administrar um café onde iria servir lanches aos turistas. Temerosa, aceitou o convite, mas na época fazia poucos sabores de tortas. Com o passar dos anos foi aperfeiçoando suas receitas e suas tortas começaram a ganhar fama.

No ano de 2007, quando a confeitaria decidiu deixar o Parque Histórico e abrir o seu próprio café, foi lançada a marca Frederica's Koffiehuis. Com o auxílio dos filhos na produção das deliciosas tortas doces e salgadas, que a cada dia conquistam novos paladares, e na administração, Frederica tornou-se referência no setor.

No ano de 2014, o Frederica's Koffiehuis, já consolidado e reconhecido nacionalmente, ganhou uma sede própria. Com

uma construção típica holandesa inspirada na arquitetura da cidade de Giethoorn, na Holanda, Frederica estruturou seu empreendimento em um ambiente *gezellig* (aconchegante na língua holandesa) que tem como missão encantar seus clientes e proporcionar bons momentos.

Hoje, o cardápio do Frederica's Koffiehuis é composto por mais de 60 tortas confeccionadas artesanalmente pela confeitaria e dois de seus filhos.

Em cada receita criada pela família ou aperfeiçoada de receitas típicas da Holanda, Frederica e seus filhos colocam todo o seu amor na produção e na administração da casa.

A confeitaria, que ganhou fama e trouxe a Carambeí o título de Cidade das Tortas, tem espírito empreendedor e alçará novos voos. Logo será possível tomar um delicioso café acompanhado das deliciosas tortas do Frederica's Koffiehuis em outras cidades. O pequeno café que surgiu no Parque Histórico, com poucos sabores de tortas e ao longo dos anos foram aperfeiçoadas e ganharam novos sabores, abrirá franquias. Este será um processo minucioso, com muitos requisitos para que a qualidade e o sabor que encantam ao público continuem únicos.



Frederica Dykstra

Ana Paula Bomfim

### Realização



### Patrocínio

